

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO:
GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

GÊNERO E MEMÓRIA:
um estudo sobre a representação da mulher no museu
a partir do Museu Memorial Minas Gerais Vale

THAINA PEREIRA DE ASSIS

Belo Horizonte
2016

THAINA PEREIRA DE ASSIS

**GÊNERO E MEMÓRIA:
um estudo sobre a representação da mulher no museu
a partir do Museu Memorial Minas Gerais Vale.**

Pré-projeto de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG como requisito básico para a conclusão do Curso de Especialização: Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador (a): Regina Helena Alves da Silva

Co-orientador (a): Johanna Monagreda

Belo Horizonte

2016

*Dedico aos meus pais, Neusinha e ao Lucas,
por serem os maiores incentivadores na busca
pelo conhecimento.*

Sinceros agradecimentos a Deus, à Universidade Federal de Minas Gerais, por possibilitar esta busca pelo saber, a minha orientadora Regina Helena, a minha tutora Johanna.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão curso, *Gênero e Memória: um estudo sobre a representação da mulher no museu a partir do Museu Memorial Minas Gerais Vale*, apresenta um estudo sobre o modo como as mulheres nos tempos atuais, frente aos avanços da sociedade, são representadas em espaços privilegiados da memória, como o Museu Memorial Minas Gerais Vale, em especial a sala Vale do Jequitinhonha. A presente sala foi escolhida por entendermos que em sua exposição é retratado o cotidiano das pessoas do Vale do Jequitinhonha e a discussão de gênero se faz justamente nestes espaços. Como metodologia, realizou-se uma pesquisa bibliográfica e documental a partir de uma abordagem qualitativa. Para auxiliar na coleta de dados, foi realizada observação direta do espaço físico do Museu, assim como o caderno de campo. Apesar de não ser o objetivo principal da sala, a discussão de gênero está presente em sua exposição riquíssima em detalhes que nos permite aprofundar e ampliar nosso olhar ao estudo de gênero no museu.

PALAVRAS CHAVE: Gênero, Museu e Memória

ABSTRACT

This course conclusion work, *Gender and Memory: a study about the representation of women at the museum from Memorial Minas Gerais Vale Museum*, presents a study about the way women nowadays, against the advances of society, are represented in privileged spaces of memory, as in the Memorial Minas Gerais Vale Museum, particularly Vale do Jequitinhonha room. This room was chosen because we believe that in its exposure is depicted the daily lives of people in the Vale do Jequitinhonha and the gender discussion is done precisely in these spaces. The methodology carried out a bibliographical and documentary research from a qualitative approach. To assist in data collection, direct observation of the physical museum space was performed, as well as the field book, board book and a camera. We concluded that although not the main purpose of the room, the gender discussion is present in its rich exposure in details that will enable us to deepen and broaden our gaze to the study of gender in the museum.

KEY WORDS: Gender, Museum and Memory

SIGLAS

MG – Minas Gerais

IEPHA – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

a.C – antes de Cristo

UniBH– Centro Universitário de Belo Horizonte

GT – Grupo de Trabalho

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IEPHAN/MG – Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - GÊNERO E MUSEU: UMA DISCUSSÃO DO TEMPO PRESENTE.....	16
CAPÍTULO 2 - MUSEUS: SUAS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO TEMPO.....	23
CAPÍTULO 3 - MEMÓRIA E GÊNERO: O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA	29
3.1 - Lócus da pesquisa: Museu Memorial Minas Gerais Vale.....	29
3.2 - Vale do Jequitinhonha e a Sala Vale do Jequitinhonha	32
3.3 - Sala Vale do Jequitinhonha - Museu Memorial Minas Gerais Vale	34
CONCLUSÃO	37
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS.....	42

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca analisar o modo como a mulher é representada em espaços de guarda da memória, como no Museu Memorial Minas Gerais Vale. Localizado na Praça da Liberdade, Belo Horizonte - MG, o Museu Memorial Minas Gerais Vale foi inaugurado em 2010 no antigo prédio sede da Secretaria do Estado da Fazenda de Minas Gerais. Fundado em 1897, o prédio é o local onde foi lançada a pedra fundamental da cidade de Belo Horizonte. Atualmente, a edificação é tombada pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, IEPHA/MG, e por meio de suas exposições apresenta aos sujeitos parte da história e da memória do nosso Estado. Todavia, sabemos a partir de Le Goff, que se trata de memória coletiva que se ordena em torno de três interesses: identidade coletiva do grupo que dá origem aos mitos, o prestígio das famílias dominantes a partir da genealogia e o saber técnico e a magia religiosa que se penetra fortemente.

Bem como suas representações e o que ela preserva, a memória é fruto de decisões políticas, logo, não se tratam de ações aleatórias. Está, numa “sociedade que exclui, domina, oprime, oculta os conflitos e as diferenças sob ideologias da identidade, é um valor, um direito a conquistar”, segundo Marilena Chauí (1992).

Tal situação não seria diferente em espaços de guarda da memória, como os museus, pois os mesmos não são neutros, tão pouco as pessoas que ali trabalham, e são responsáveis por escolher dentre vários objetos e recortes da história quais devem ser expostos. Este é o papel da curadoria, mas também os interesses das instituições principalmente quando se trata de um museu privado ligado a empresa. Ou seja, trata-se de espaços e ações políticas que se constroem e se desmancham de acordo com os interesses da época.

Neste sentido, a história da humanidade tem nos mostrado que, ao longo do tempo, essas ações têm privilegiado a guarda dos fazeres e saberes realizados por homens, em especial, homens brancos, contribuindo para a perpetuação da heteronormatividade¹, que

¹**Heteronormatividade** (do grego *hetero*, "diferente", e *norma*, "esquadro" em latim) é um termo usado para descrever situações nas quais orientações sexuais diferentes da heterossexual são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas. Isto inclui a ideia de que os seres humanos recaem em duas categorias distintas e complementares: macho e fêmea; que relações sexuais e maritais são normais somente entre pessoas de sexos diferentes; e que cada sexo têm certos papéis naturais na vida.

exclui os chamados sujeitos da diversidade - negros, mulheres, jovens, indígenas, homossexuais, ciganos, dentre outros - não lhes reconhecendo como sujeitos históricos.

Os “lugares de memória” surgem a partir da necessidade inerente ao ser humano de guardar e preservar seus atos, ações, costumes e cultura. A bibliografia consultada² aponta que as primeiras preocupações em preservar o patrimônio, então denominado como monumentos, surgiram em meados de 146 a.C., com pequenos colecionadores e artefatos. Geralmente, estes pertenciam à classe dominante da sociedade. Com o decorrer dos anos, as pessoas colecionavam pertences familiares, peças religiosas e raridades. Percebe-se que se tratava de uma preservação feita pelo sujeito, e não pelo Estado.

Esta concepção de patrimônio sofre uma alteração na Europa, num período em que a corrente historiográfica positivista buscava a história oficial e a valorização da nação. Em meados do século XIX, após a Revolução Francesa, foram considerados como patrimônios todos os bens arquitetônicos, artísticos e de valores altos que pudessem remeter ao passado de uma pátria, seus feitos e vitórias realizados por homens brancos. Os museus surgem neste contexto, com a finalidade de guardar bens e objetos de uma nação, bem como de seus heróis, majoritariamente sujeitos dos sexos masculinos e brancos, deixando à margem todos os outros que não se enquadravam a este pré-requisito.

Verifica-se que os museus foram se configurando como espaços elitizados tanto pela maneira como eram e ainda são elaborados. Podemos perceber na maneira que são realizadas as exposições, os bens que são expostos e o valor cobrado para ter acesso ao interior destes espaços. Os museus, desde os seus surgimentos, são uma importante ferramenta social, pois são capazes de formar concepções e mentalidades de várias gerações de uma dada sociedade. Por meio destes espaços são contadas e recontadas a história de povos, mas ao longo do tempo levou-se em consideração apenas a história do extrato da sociedade que estava no poder, ou seja, a elite.

Assim, sexo físico, identidade de gênero e papel social de gênero deveriam enquadrar qualquer pessoa dentro de normas integralmente masculinas ou femininas, e a heterossexualidade é considerada como sendo a única orientação sexual normal. As normas que este termo descreve ou critica podem ser abertas, encobertas ou implícitas. Aqueles que identificam e criticam a heteronormatividade dizem que ela distorce o discurso ao estigmatizar conceitos desviantes tanto de sexualidade quanto de gênero e tornam certos tipos de auto expressão mais difíceis. (Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Heteronormatividade>, data de acesso, 05/07/2015).

² Segundo a Autora Choay, Françoise na obra A alegoria do patrimônio. São Paulo: UNESP, 2001.

O Museu Memorial Minas Gerais Vale surge a partir de um novo olhar dado à museologia³, onde se busca uma reestruturação na maneira como os museus contam a história e preservam a memória, assim como trazem para dentro destes espaços, aqueles que muito tempo atrás esteve à margem deste lugar que seria também seu de direito.

Sendo parte de um circuito cultural pensado para Belo Horizonte em meados de 2010, o museu estudado surge dentro da nova concepção de museologia com a proposta de popularização, buscando maneiras de trazer as pessoas para dentro de seu espaço. Como ferramentas para atrair e despertar o sujeito para o espaço, fez-se uso do processo de modernização e suas tecnologias. Buscando exposições que interagissem com o visitante.

Analisando este contexto, o acesso gratuito possibilita um número maior de visitantes buscando atender a todas as camadas sociais. Dentre todas as medidas, a mais importante e urgente de fazer é trazer para dentro dos museus a história daqueles que estão à margem da sociedade, como as mulheres, que ao longo da história não tiveram seus passados e lembranças preservados nem contados nos espaços de guarda de memória, assim como outros sujeitos invisibilizados.

Todavia, sem desconsiderar a importância desta nova perspectiva de Museu, que busca dar maior acessibilidade às camadas populares, há que se pensar nestes espaços na atualidade sob o prisma dos sujeitos ali representados, bem como daqueles que ali são tornados invisíveis. Sabemos que muitos foram os avanços em relação à temática de gênero em diferentes áreas. Porém, ainda temos muito a caminhar nas discussões e ações referentes a esta demanda, assim como na valorização e reconhecimento da mulher enquanto sujeito sociocultural, construtora de saberes e sujeito de ação.

Segundo Cunha (2012), no mundo, os museus referentes a gênero surgiram a partir de movimentos feministas. O presente autor não nos apresenta a data de fundação destes espaços, que reivindicavam a valorização e preservação da história feminina. Estes museus se encontram principalmente no continente europeu, existindo alguns também no continente

³ Museologia - “Assim como na educação, o processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais, em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. Daí o sentido de associarmos o termo processo às ações de musealização, compreendido como uma sequência de estados de um sistema que se transforma, por meio do questionamento reconstrutivo, e que, ao transformar-se, transforma o sujeito e o mundo. A utilização do termo processo permite atribuir, portanto, as dimensões social e educativa à Museologia” (SANTOS, 2002, p. 314)

americano. Todavia, o Brasil não conta com nenhum museu específico da temática “Mulher”. A presente temática, quando discutida nos lugares de memórias, divide o espaço com outros sujeitos da história, deixando a mulher mais uma vez em papel secundário.

A constatação de que a memória e seus usos são ações humanas ligadas às relações de poder que podem implicar no “apagamento” de alguns sujeitos, em detrimento da visibilidade positiva de outros, nos coloca diante do debate acerca de relações de gênero ao longo da história. Guardar e memorar são ações políticas que partem da escolha dos sujeitos inseridos no espaço e no tempo e, só assim, podem ser compreendidos.

A memória da representação dos sujeitos, em especial aquela guardada em lugares privilegiados como os museus, por exemplo, merece um olhar demorado e criterioso, de modo a compreender sua capacidade de hierarquização entre homens e mulheres. Tomando os museus como resultados da ação humana e um espaço educativo que transforma a história em cultura, mas também como componente identitário pode reforçar o fator de desigualdade e discriminação. Ainda hoje, frente aos avanços históricos, sociais e culturais, a presente pesquisa interroga de que modo as mulheres são representadas em espaços privilegiados de guarda da memória na atualidade.

Para o desenvolvimento do presente questionamento, escolhemos o Museu Memorial Minas Gerais Vale, espaço muito bem estruturado dentro do novo viés de museologia. Por se tratar de um campo de pesquisa consideravelmente grande, procuramos dentre as salas de exposição uma que melhor pudesse atender aos nossos questionamentos e que ao mesmo tempo trabalhasse com sujeitos do tempo presente. Desta maneira, escolhemos a sala com a exposição dos trabalhos em cerâmica do Vale do Jequitinhonha, ou seja, são trabalhos do tempo presente sendo analisados para entender as representações da mulher neste mesmo tempo e lugar.

Mesmo sabendo que não é objetivo da sala a discussão sobre gênero, se fez importante a escolha por se tratar do cotidiano e as questões de gênero fazem parte do nosso cotidiano. Neste sentido, a presente pesquisa justifica-se pela necessidade tanto de problematizar os espaços de memória, enquanto espaços da heteronormatividade, como também pela necessidade de trazer o viés sobre em qual medida a sala Vale do Jequitinhonha nos ajuda a refletir as questões de gênero.

Formada em licenciatura e bacharelado em História, pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (Uni-BH), tive a oportunidade de estudar em minha monografia da graduação temas como patrimônio cultural, lugares de memória e identidade, onde pude perceber o quanto são relevantes para a sociedade, bem como para compreender as relações de poder que estes *lugares* podem perpetuar ou desconstruir.

Assim que formada, iniciei meu contato com a docência em escolas da Secretaria de Educação de Minas Gerais, em periferias da cidade de Sabará. A partir do contato e da observação dos estudantes, em especial do gênero feminino destas escolas, novas inquietações surgiram a respeito de como as mulheres eram representadas nos lugares de memória.

O presente questionamento e interesse surgiram a partir da observação do machismo presente maciçamente nas escolas e nos grupos familiares. Este se expressa implicitamente ou explicitamente por meio de piadas, falas, atitudes e agressões que denigrem a mulher, bem como qualquer comportamento assinalado como “de mulher”. Por serem a escola e a família as duas bases para a educação do sujeito, tais atitudes colocam estes espaços como um dos lugares onde a normatização se faz presente.

Nascida, assim como outros sujeitos, em uma família machista⁴, por muitas vezes tive e ainda tenho que buscar legitimar meu espaço de direito dentro de conceitos enraizados no tempo, de que a mulher é um ser inferior, frágil, que não tem vontade, nem fala e que deve obedecer ao gênero masculino e realizar os serviços domésticos.

Sem ter quase nenhum contato com o estudo de gênero através da graduação, busquei por meio de formação profissional um contato com a temática de gênero. Meu primeiro contato surgiu em 2014, participando do Grupo de Trabalho (GT) de Gênero e Diversidade no município de Contagem/MG. Este GT tinha por objetivo levar o professor (a) a questionar suas práticas e ações em sala de aula e os comportamentos que reforçam a normatização, a heteronormatividade e o preconceito.

⁴**Machismo** é o comportamento, expresso por opiniões e atitudes, de um indivíduo que **recusa a igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais**, favorecendo e enaltecendo o sexo masculino sobre o feminino. O **machista** é o indivíduo que exerce o machismo. <http://www.significados.com.br/machismo>

Ainda em 2014, tive meu contato com a pós-graduação de Gênero e Diversidade na Escola (GDE), na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, onde pude perceber que a educação escolar, assim como outros espaços educativos, como os museus, é capaz de contribuir para a formação de mentalidades machistas e de outras práticas de discriminação da mulher. Tal contato com o GDE me ajudou a problematizar a prática enquanto professora de História, bem como minha formação, enquanto sujeito crítico inserido nesta sociedade.

Para analisar o modo como a memória da mulher no âmbito da história é representada no acervo do Museu Memorial de Minas Gerais Vale e no discurso de seus mediadores, realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa por entender que tal análise não pode ser feita a partir de dados numéricos. Na busca de fundamentação teórica, assim como de um melhor entendimento e análise do objeto de estudo, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental. Para a coleta de dados, será feita observação direta do espaço físico do Museu, assim como o caderno de campo sendo utilizado de acordo com a necessidade, enriquecendo a coleta de dados.

Esta monografia se organiza por meio de uma introdução, três capítulos, considerações finais e as referências bibliográficas.

No primeiro capítulo, vimos os museus como espaços de memória. Para tal, apresentamos a trajetória histórica, nos debruçamos nas referências teóricas abordando conceitos relevantes para a pesquisa, analisamos as mudanças e permanências da história e trazemos os principais objetivos que norteiam a pesquisa.

No segundo capítulo, analisamos o conceito de Museu mais aprofundado, apresentamos a perspectiva de museu em Belo Horizonte, o surgimento do circuito cultural Praça da Liberdade dando ênfase ao Museu Memorial Minas Gerais Vale em especial a sala do Vale do Jequitinhonha.

No terceiro capítulo, discutimos se os museus são “lugares” de mulheres. Para tal, realizamos uma análise sobre a representação da mulher no espaço dos museus a partir da sala do Vale do Jequitinhonha. A presente sala fica no terceiro andar do museu e expõe trabalhos de cerâmicas realizados em sua maioria por mulheres no Vale do Jequitinhonha.

Já nas considerações finais, apontamos os achados da pesquisa, levando em consideração que o espaço pesquisado é recente e desta maneira encontramos pouco material acadêmico que discuta sobre o mesmo. Acreditamos que a presente pesquisa possa servir de suporte a futuros pesquisadores, bem como cobrir algumas lacunas existentes nas discussões propostas de gênero e museus.

Entendendo os museus como espaços educativos, a presente pesquisa acredita poder fomentar debates sobre gênero nos museus, de maneira a trazer melhorias e maiores reflexões na maneira como são expostas as peças, proporcionando que a mulher se veja representada no lugar de guarda e também possa se tornar sujeito ativo deste processo.

CAPÍTULO 1 - GÊNERO E MUSEU: UMA DISCUSSÃO DO TEMPO PRESENTE

O ser humano traz consigo a necessidade de sentir o pertencimento a algo ou a alguém; de suas pequenas às grandes ações, deixa traços de sua existência que podem ser preservadas para as próximas gerações. O pertencer dá ao ser humano a identidade, os traços deixados por ele ou por seus ancestrais o remetem à memória, ao passado, à nostalgia. Por isso, sempre sentiu vontade de pertencer e de valorizar.

Neste sentido, a presente pesquisa propõe analisar gênero e memória por meio de um estudo sobre a representação da mulher nos museus a partir do Museu Memorial Minas Gerais Vale, identificando o *lugar* da mulher no acervo, mapeando-o e conhecendo o discurso proferido pelos mediadores do museu. Tema pertinente à história do tempo presente, e também entendida por Hobsbawm (2013), como toda a história é história contemporânea disfarçada. Sob a perspectiva de Porto (2007):

A característica da História do Tempo Presente consistiria naquilo que se pode chamar de unidade temporal do sujeito e do objeto, daquele que estuda e o que ele estuda. O historiador é contemporâneo dos acontecimentos que ele estuda em um sentido distinto daquele da coabitação física com as testemunhas. O período estudado não está fechado: não há esse elemento de alienação, alteridade, que é próprio do estudo de períodos mais afastados. Não ocorreram ainda rupturas cronológicas entre o tempo dos acontecimentos e o tempo da escritura de sua história. Os paradigmas, os dados essenciais e a “armadura intelectual” que se tenta analisar no passado ainda parte do presente (PORTO Jr, 2007, p. 36)

Desta maneira, faz-se urgente e necessário, ao se discutir as questões de gênero no presente, debruçar o olhar sobre o passado. As primeiras preocupações em preservar e conservar o patrimônio já estava presente nas antigas civilizações, como no Egito e na Grécia antiga. Chamados de monumentos pelos seus colecionadores, estes eram pertences raros, geralmente de familiares passados de geração em geração e peças religiosas. A preservação do patrimônio era particular e feita por aqueles que compunham e detinham o poder da sociedade, ou seja, pessoas ricas, pois somente elas tinham condições de possuir objetos raros.

Esta concepção de patrimônio sofre uma alteração na Europa, num período em que a corrente historiográfica positivista buscava a história oficial e a valorização da nação. Tornou-se uma preocupação do Estado e uma política pública no momento em que as

(...) obras de arte, os imóveis e os monumentos em geral, símbolos da nobreza, estavam ameaçados por ataques das massas enfurecidas com o Antigo Regime. Naquela conjuntura, o Estado criou mecanismos para a institucionalização da preservação patrimonial. (ÁVILA, 2008, p. 20).

Tais alterações ocorreram em meados do século XIX, após a Revolução Francesa, e neste período foram considerados como patrimônio todos os bens arquitetônicos, artísticos e de valores altos que pudessem remeter ao passado de uma pátria, seus feitos e vitórias realizados por homens brancos. Esta ação deixou de lado diversos grupos que estavam à margem da sociedade, como por exemplo, as mulheres, negros, crianças e indígenas. Para Hobsbawm (2013), a maior parte da história no passado era escrita para a glorificação e, talvez para o uso prático dos governantes (...), certas modalidades da história ainda possuem esta função. Segundo Nora, pode ser entendida como uma:

(...) memória intensamente retiniana e poderosamente visual. Como não fazer a ligação, por exemplo, entre o famoso ‘retorno da narrativa’ que pudemos notar nas mais recentes maneiras de se escrever a história e o poder total da imagem e do cinema na cultura contemporânea? Narrativa, na verdade, bem diferente da narrativa tradicional, fechada sobre si mesma e com seu recorte sincopado. Como não ligar o respeito escrupuloso pelo documento de arquivo- colocar a própria peça sob seus olhos- o particular avanço da oralidade- citar os atores, fazer ouvi as vozes- à autenticidade do direito ao qual fomos habituados? Como não ver, nesse gosto pelo cotidiano passado, o único meio de nos reconstituir a lentidão dos dias e o sabor das coisas? E nessa biografia de anônimos, os meios de nos levar a apreender que as massas não se formam de maneira massificada, Como não ler nessa bulas do passado que nos fornecem tantos estudos de micro-história, a vontade de igualar a história que reconstruímos à história que vivemos? Memória-espelho, diz-se-ia, se os espelhos não refletissem a própria imagem, quando ao contrário, é a diferença que procuramos aí descobrir, e no espetáculo dessa diferença, o brilhar repentino de uma identidade impossível de ser encontrada. Não mais uma gênese, mas o deciframento do que somos à luz do que não somos jamais. (NORA, 1993, p.20)

Os acontecimentos europeus refletiram no Brasil em 1808, onde tivemos os primeiros sinais de valorização do patrimônio com a vinda de D. João VI e a família real, que se instalaram e trouxeram a Biblioteca e o Museu Nacional. Neste ambiente, temos a construção de uma história oficial do país, que contribuiu para a exclusão e desigualdades sociais, cultural e de gênero. Para Funari:

A criação de patrimônios nacionais intensificou-se durante o século XIX e serviu para criar referenciais comuns a todos que habitavam um mesmo território, unificá-los em torno de pretensos interesses e tradições comuns, resultando na imposição de uma língua nacional, de ‘costumes nacionais’, de uma história nacional que sobrepôs às memórias particulares e regionais. Enfim, o patrimônio passou a constituir uma coleção simbólica unificada, que procurava dar base cultural idêntica a todos, embora os grupos sociais e étnicos presentes em um mesmo território fossem diversos. O patrimônio passou a ser, assim, uma construção social de extrema importância política (...) (FUNARI, 2003, p.16).

Sob o olhar da Escola dos Annales⁵, o monumento se torna um documento, *sendo este um produto da sociedade que o fabricou, (...) algo feito para lembrar o que quer ser lembrado e para esconder o que quer ser esquecido*, tornando-se fundamental para o estudo historiográfico. Assim, para Le Goff (1996) “*o monumento tem como característica o ligar-se ao poder da perpetuação, voluntária ou involuntária, das sociedades históricas (é um legado à memória coletiva) e o reenviar a testemunhos que só uma parcela mínima são testemunhos escritos.*” (LE GOFF, 1996, p. 536). Partindo da perceptiva de Menezes (2004) “*o monumento, em seu momento fundador, (...) tem a função de memorizar o passado ou de informar sobre o presente.* Ainda para Menezes:

“A memória é uma construção social que edifica identidades distintas e patrimônios de culturas diversas. O que é caro a determinado grupo social é guardado e transformado em bem, em herança que motiva orgulho, que se quer preservar e mostrar ao outro. A memória gera interpretações costumeiras e leituras críticas...” (MENEZES, 2004. p 38)

⁵ A **Escola dos Annales** foi um movimento historiográfico surgido na França, durante a primeira metade do século XX. Desde o século XVIII, quando a História passou a ser notada como ciência, os métodos de se escrever e pensar sobre História conquistaram grande evolução. A historiografia passou por grandes modificações metodológicas que permitiram maior conhecimento do cotidiano do passado, através da incorporação de novos tipos de fontes de pesquisa. Ainda assim, no início do século XX, questionava-se muito sobre uma historiografia baseada em instituições e nas elites, a qual dava muita relevância a fatos e datas, de uma forma positivista, sem aprofundar grandes análises de estrutura e conjuntura. Em 1929, surgiu na França uma revista intitulada **Annales d’ Histoire Économique et Sociale**, fundada por **Lucien Febvre** e **Marc Bloch**. Ao longo da década de 1930, a revista se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como **Escola dos Annales**. A proposta inicial do periódico era se livrar de uma visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX e início do XX. Sob esta visão, a História era relatada como uma crônica de acontecimentos, o novo modelo pretendia em substituir as visões breves anteriores por análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das civilizações das “mentalidades”. O novo movimento historiográfico foi muito impactante e renovador, colocando em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades. Apresentava uma História bem mais vasta do que a que era praticada até então, apresentando todos os aspectos possíveis da vida humana ligada à análise das estruturas. Entre as modificações apresentadas pela **Escola dos Annales**, estava a argumentação de que o tempo histórico apresenta ritmos diferentes para os acontecimentos, os quais podem ser de simples acontecimento, conjuntural ou estrutural. A obra de Fernand Braudel, *O Mediterrâneo*, foi o grande símbolo da nova concepção apresentada. Ao considerar a História não mais apenas como uma seqüência de acontecimentos, outros tipos de fontes, como arqueológicas, foram adotadas para as pesquisas. Da mesma forma, foram incorporados os domínios dos fatores econômicos, da organização social e da psicologia das mentalidades. Com todo esse enriquecimento, a outra grande novidade da Escola dos Annales foi a promoção da interdisciplinaridade que aproximou a História das demais Ciências Sociais, sobretudo, da Sociologia. <http://www.infoescola.com/historia/escola-dos-annaes/>.

Na década de 1930, já sob a influência da Nova História, temos o fortalecimento da busca pela identidade nacional na ditadura civil no Brasil, em meio aos movimentos modernistas e suas repercussões, onde a ideia predominante era a preservação da identidade nacional e seus grandes heróis do sexo masculino. Neste mesmo contexto, cria-se o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que logo depois é transformado em Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), *órgão que tem por objetivo promover o tombamento, a conservação, o enriquecimento e a proteção do acervo de bens culturais existentes em todo o país.*

Ao longo da história, segundo Choay (2001), o patrimônio é visto como um “bem” voltado para as classes abastadas da sociedade e é utilizado como um meio político de controle social de uma época. Em diversas ocasiões, foram preservados os grandes homens da sociedade e esquecidos aqueles que são em maior número e que pertencem ao meio. O patrimônio se tornou mais uma forma de exclusão social e cultural, a memória só era importante de ser lembrada e valorizada por alguns. *“Não podemos nos esquecer que o patrimônio se constitui como uma construção simbólica e ideológica, submetida a influências da esfera histórica, política e social, no seio das quais os significados culturais são produzidos e interpretados”.* Para Hobsbawm (2013),

(...) o ramo prático da política da classe dominante, durante a maior parte da história até o final do século XIX e na maioria dos países, poderia normalmente prosseguir sem muita coisa além de uma ocasional referência à massa da população dominada. (...) Isso não quer dizer que ela estivesse satisfeita, nem que não tivesse de ser levada em conta. Meramente significa que os termos da relação eram dispostos de tal forma que as atividades dos pobres normalmente não ameaçavam a ordem social. Além do mais, eram principalmente fixadas em um nível abaixo daquele no qual operava a política da cúpula- em nível local, por exemplo, e não nacional. (HOBSBAWM, 2013, p. 281).

Os museus surgem neste contexto de ideias com a finalidade de guardar bens e objetos de uma nação, bem como de seus heróis, majoritariamente sujeitos do sexo masculino e brancos, deixando à margem todos os outros que não se enquadravam a este perfil, no caso do nosso estudo, a mulher. Para Silva (2000) esta divisão do mundo social “entre nós e eles” pode ser entendida como uma maneira de:

“(...) classificar, ordenando e hierarquizando o mundo em grupos, sendo a mais importante forma de classificação aquela que se estrutura em torno de oposições

binárias, nas quais um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo enquanto o outro é valorado de maneira negativa”. (SILVIA, 2000, P.52)

Desta maneira, percebemos o binarismo que também está presente no momento em que se define qual memória deve ser preservada e qual deve ser deixada de lado em segundo plano ou nem citada. Tal classificação/seleção torna a história cada vez mais heteronormativa e, em muitas ocasiões, espaços educativos, como os museus, acabam reforçando a norma do que quebrando os paradigmas.

Para Scott (1998), trata-se de diferença. Ela define como “(...) a designação do outro, que distingue categorias de pessoas a partir de uma norma presumida (muitas vezes não explicada)”. A diferença que gera a desigualdade acontece a partir das relações de poder, ocasionando exclusão e estabelecendo a hegemonia como normal e natural.

A desigualdade fez com que, por muito tempo, a memória das mulheres fosse negligenciada, tida como sem valor e sem importância para sociedade. A ausência desta memória levou, muitas vezes ainda leva, à falta do pertencimento dessas mulheres no meio em que estão inseridas. Por isso, se faz necessário a partir do olhar de Marc Bloc (1998), perceber que para conservar a memória de um determinado grupo de seres humanos,

(...) não basta que os diversos membros que o compõem em um dado momento conservem no espírito as representações que dizem respeito ao passado do grupo (...) é também necessário que os membros mais velhos cuidem de transmitir essas representações aos mais jovens. (BLOCH, 1998: 229).

Segundo as ideias de Jacques Le Goff (1990),

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens / mulheres. (LE GOFF, 1990)

Ainda segundo Le Goff (1990), a memória pode ser entendida como a “propriedade de conservar certas informações. Remete-nos, em primeiro lugar, a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem/mulher pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A maneira como é realizada a preservação da memória da mulher em nosso país é um dos fatores que nos levam ao caso das desigualdades de gênero onde,

(...) o lugar do *feminino* é historicamente o lugar com menos poder, menos voz, menos reconhecimento em nossa sociedade. Essa desigualdade está presente na vida das mulheres e também na vida de pessoas que trazem marcações do que é considerado feminino em nossa cultura (...) (MATTOS texto do GDE)

Segundo Guacira Lopes Louro (1997), a discussão sobre gênero chega ao Brasil em meados de 1980 e, aos poucos, o conceito passa a ser usado pelas feministas brasileiras. Pensado para entender, debater e quebrar paradigmas do mundo hegemônico e heteronormativo, discutir e lutar por igualdade de gênero é buscar entender e desfazer as relações de poder existentes na sociedade, onde as mulheres são “silenciosas ou silenciadas”, em diversos aspectos e espaços de sua vida.

Para alguns estudiosos, como Adriana Piscitelli (2009) em seu texto “Gênero: a história de um conceito”, os primeiros sinais do conceito de gênero surgem por meio do psicanalista estadunidense Robert Stoller. Para este, gênero está relacionado à cultura (*psicologia, sociologia, incluindo aqui todo o aprendizado vivido desde o nascimento*). Já o sexo está relacionado à biologia (*hormônios, genes, sistema nervoso e morfológico*). Assim, o autor, ao definir identidade de gênero distinguiu natureza de cultura.

Para Jane Felipe (2008), em seu texto “Educação para igualdade de gênero”, ao citar Weeks (1999), nos apresenta a sexualidade para além do viés biológico e preventivo, pois a mesma deve ser compreendida a partir de um “conjunto de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas”.

Ainda para Felipe (2008), utilizando-se de Foucault (1993), nos apresenta que os “comportamentos sexuais não são o resultado de uma evolução natural, mas eles têm sido construídos no interior de relações de poder”.

A concepção de gênero no campo social surge na segunda onda do movimento feminista, iniciada no século XX. Esta é decorrência da primeira onda do feminismo, que foi iniciada nos Estados Unidos e no Reino Unido, durante o século XIX e início do século XX. Neste primeiro momento, o foco central do movimento era o voto universal, uma vez que as mulheres não tinham direito a participar das eleições. Já na segunda onda do feminismo, as discussões de gênero são ampliadas e passa-se a lutar por direitos no campo social contra a discriminação das mulheres.

As feministas utilizaram a ideia de gênero como diferença produzida na cultura, mas uniram a essa noção a preocupação pelas situações de desigualdades vividas pelas mulheres (...). Foi, portanto, a partir de uma luta social, que surgiu uma contribuição teórica fundamental para o pensamento social. (PISCITELLI, 2009, p. 06).

No período da segunda onda do feminismo, temos a autora francesa Simone de Beauvoir com a obra “O segundo sexo”, escrita em 1949, que contribuiu muito para esta discussão. Uma de suas afirmativas de maior relevância foi dizer que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, demonstrando que gênero é resultado da construção, e às vezes da desconstrução, das relações sociais. Esse é o mesmo entendimento de Mattos (2015):

Para as feministas da segunda onda, as desigualdades sociais e políticas vividas pelas mulheres estão intimamente relacionadas, e precisam ser combatidas tanto nas vidas cotidianas das mulheres quanto no campo da política institucional. A frase ‘o pessoal é político’ tornou-se um lema nessa luta, evidenciando que as opressões vividas no plano pessoal das mulheres têm articulação com as desigualdades sociais e políticas entre os gêneros. (MATTOS, 2015, P. 2)

Já na terceira onda do feminismo, que teve início nas duas últimas décadas do século XX, buscava problematizar visões essencializantes sobre os papéis de gênero. Neste período, uma das principais críticas feitas pelas feministas é que o movimento feminino anteriormente estava muito marcado pela experiência de ser mulher branca, com alta escolaridade “(...) para as feministas da terceira onda, (essa ideia de ‘mulher’) ao ser tratada como experiência universal no feminismo, silenciaria outras experiências de gênero e sexualidade que não se adequam a esse modelo de feminilidade” (Mattos, 2014).

CAPÍTULO 2 - MUSEUS: SUAS MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NO TEMPO

Podemos perceber, ao longo da História, que os museus foram se estabelecendo como espaços de geração de desigualdades. Tais desigualdades podem ser vistas no valor cobrado para ter acesso ao interior dos museus, na localização geográfica e na maneira como são expostos os acervos, conforme os dizeres de Cunha:

O fato de que no Brasil o Estado é o principal fomentador de ações de preservação de patrimônios de memórias, reforça a necessidade que os museus estejam atentos e observem que devem contemplar o maior espectro possível de segmentos sociais em suas abordagens, mesmo quando estamos falando de instituições privadas, pois estas são beneficiadas com uma série de programas públicos, como os editais de apoio a ações museológicas. No entanto, quando olhamos para o quadro geral de nossos museus, percebemos que há o privilégio de alguns enfoques em detrimento de outros, colocando à margem várias memórias que compõem o tecido das memórias nacionais. (CUNHA 2012, p 27-28)

Nos últimos 50 anos, estudiosos vêm discutindo e propondo profundas mudanças no relacionamento dos museus com seus usuários. Relacionamento que não reconhecia a necessidade de diversificar suas coleções, nem tão pouco a diversidade de seu público, que possuíam e ainda possuem interesse em expor as suas necessidades e opiniões, podendo exercer, por exemplo, a opção de não visitar o espaço.

Desta maneira, busca-se quebrar paradigmas do museu como instituição de autoridade incontestável, conforme Andreia Vale Lourenço (2014):

O conceito de “pós-museu”, neste cenário, traduz um conjunto de novas concepções que assinalam o avanço para um futuro positivo e otimista para os museus, visto que uma das suas dimensões se prende com uma compreensão mais aberta do complexo relacionamento entre cultura, comunicação, aprendizagem e identidade, permitindo uma nova abordagem às audiências do mesmo (Hooper-Greenhill 2007). Um segundo aspeto, igualmente relevante, liga-se com a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa, defendendo-se que a cultura trabalha para representar, reproduzir e constituir identidades e que este facto acarreta um sentido de responsabilidade ética e social. (Site: <http://midas.revues.org/664> acessado em 02/12/2015)

Do mesmo modo, os museus têm apreciado, ainda que não totalmente, a complexa relação que pode ser formada por vários sujeitos que tomaram um papel ativo na contribuição

em várias das atividades museológicas, entendendo a partir da perspectiva de Azevedo (2012) que a (...) memória tornou-se plural, (...) "memória nacional" não é mais unificada, agora ela é folheada, desdobrada numa trama plural, acomodada num cruzamento de diferentes vozes, narrativas, apropriações e sentidos". Segundo a Declaração de Santiago, o museu deve ser entendido como:

(...) uma instituição a serviço da sociedade, da qual é parte integrante e que possui nele mesmo os elementos que lhe permitem participar na formação da consciência das comunidades que ele serve; que ele pode contribuir para o engajamento destas comunidades na ação, situando suas atividades em um quadro histórico que permita esclarecer os problemas atuais, isto é, ligando o passado ao presente, engajando-se nas mudanças de estrutura em curso e provocando outras mudanças no interior de suas respectivas realidades nacionais (Declaração de Santiago). (CUNHA 2012, p 32)

O Museu Memorial Minas Gerais Vale surge a partir de um novo olhar dado à museologia⁶, onde se busca uma reestruturação na maneira como os museus contam a história e preservam memória, assim como trazem para dentro deste espaço aqueles que por muito tempo estiveram à margem deste lugar de direito.

Os museus são ambientes culturais e educativos. Pretendem educar por meio da sensibilização e cultivam a comunicação e produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas e outras. A exposição muitas vezes requer o uso da palavra, mas preenche o espaço também com outros sentidos, com outra materialidade, com outras significâncias. Luz, sombra, vazios, tridimensionalidade... vidros, textos e objetos... colecionadores, pesquisadores, museólogos, agentes educativos, visitantes... setas, cores, direções... memórias, esquecimentos... fios tecidos nos múltiplos gestos de interpretação. São também territórios de educação do olhar, pois neles são encenados gestos, sentidos e movimentos imaginativos diversos. (PEREIRA 2007, p 11).

Como um "lugar de memória", entendemos que dentre suas diversas funções, os museus devem ajudar na formação da identidade e da cidadania, de diferentes gêneros, localidades e culturas; contribuindo para o desenvolvimento social, cultural, histórico e econômico dos sujeitos que compõe os diversos setores da sociedade proporcionando uma real democratização do acesso à informação e ao conhecimento.

⁶ Museologia - "Assim como na educação, o processo museológico é compreendido como ação que se transforma, que é resultado da ação e da reflexão dos sujeitos sociais, em determinado contexto, passível de ser repensado, modificado e adaptado em interação, contribuindo para a construção e reconstrução do mundo. Dai o sentido de associarmos o termo processo às ações de musealização, compreendido como uma sequência de estados de um sistema que se transforma, por meio do questionamento reconstrutivo, e que, ao transformar-se, transforma o sujeito e o mundo. A utilização do termo processo permite atribuir, portanto, as dimensões social e educativa à Museologia" (SANTOS, 2002, p. 314)

Desta maneira, percebemos que as desigualdades existentes de gênero em suas relações, estão presentes na preservação da memória de uma dada nação. Ao se preservar os feitos de uma nação no decorrer da história, vimos a guarda da memória de uma sociedade heterogênea, masculina e branca. Percebemos que pouco se fala das grandes heroínas, negros, indígenas e crianças, como se a história fosse construída por apenas uma parcela da população.

Em um estudo mais detalhado, Cunha (2012), nos apresenta um guia que foi pesquisado com:

(...) 3.118 registros de instituições. Contabilizamos apenas 95 entre elas, nomeadamente, dedicadas a memórias de negros, índios, mulheres e crianças. Isso nos leva a um percentual de menos de 5% do total das instituições registradas. Estamos, porém, diante de uma urgência e necessidade, pois vivendo em um país que nos últimos anos tem se preocupado com a implementação de iniciativas que reduzam as desigualdades sociais baseadas no tratamento diferenciado de determinados setores da sociedade, concluímos que os museus também precisam assumir esse papel e buscar a redução das desigualdades sociais, que têm se refletido historicamente, em nossas casas de memória. (CUNHA, 2012, p. 30)

Segundo os registros demonstrados por Cunha, somente um Memorial em Alagoas, tem como eixo central de sua exposição o tema Mulher, mas podemos incluir também o Memorial das Baianas, em Salvador/Bahia, pelas atividades⁷ que realiza.

Diante das pesquisas realizadas, acreditamos que os museus temáticos são de extrema relevância na sociedade em que vivemos onde o mesmo, por meio de diversas linguagens (visual, escrita e oral), podem proporcionar ao visitante um olhar mais alargado e problematizador acerca da mulher e do seu papel social. Neste caso, não se trata somente das tipologias das instituições e de seus acervos para definir o discurso museológico, mas sim os projetos e propostas dos museus, bem como seus compromissos com o sujeito. Cunha (2012) evidencia esta situação:

Logo, em certa medida, todos os três mil e poucos museus registrados no Guia podem falar desses temas e tantos outros que desejem, pois os acervos, em si, são mudos. Não são eles que norteiam os discursos museológicos, pois ao contrário do que acreditam muitas pessoas, os objetos não falam, são apenas mensageiros potenciais, que podemos utilizar para comunicar nossas crenças e intenções. (...) A questão é definir do que nossos museus querem falar, ou melhor, é assumir que nossas instituições até agora propagaram e ecoaram mensagens a serviço de um projeto de memória que não é inclusiva, que reforça um programa ideológico,

⁷ Cunha não cita em seu texto quais atividades são realizadas nos museus estudados.

voltado para a manutenção de lugares. Se fosse necessário elaborar uma carta de identidade representando o conjunto de nossas instituições de memórias, esse Registro Geral seria o de um Senhor Idoso, branco, cristão, abastado, heterossexual e com educação formal baseada em valores ocidentais tradicionais. (CUNHA, 2012, p 31)

O novo conceito de museu, para Lourenço (2014), busca dentro de um conjunto de mudanças e avanços

(...) um futuro positivo e otimista para os museus, visto que uma das suas dimensões se prende com uma compreensão mais aberta do complexo relacionamento entre cultura, comunicação, aprendizagem e identidade, permitindo uma nova abordagem às audiências do mesmo (Hooper-Greenhill, 2007). Um segundo aspeto, igualmente relevante, liga-se com a promoção de uma sociedade mais justa e equitativa, defendendo-se que a cultura trabalha para representar, reproduzir e constituir identidades e que este facto acarreta um sentido de responsabilidade ética e social. (Site: <http://midas.revues.org/664>. Acesso em: 16/01/16)

Há que refletir acerca do conteúdo que os museus vêm apresentando aos visitantes, assim como o modo como isto tem se dado e sua intencionalidade. Os novos conceitos da museologia buscam trazer em sua temática sujeitos que estiveram por tantos anos fora deste espaço, também seu de direito, fazendo necessário e urgente analisar quais discussões estão sendo realizadas e se a comunidade está sendo ouvida sobre sua necessidade.

Devemos questionar se a mulher que vai ao museu que aborda a temática do gênero feminino se sente representada naquele espaço. Ou somente reforça a exclusão que durante sua trajetória de vida já estava presente? Quais memórias femininas estão sendo guardadas nestes espaços de memória? Que mulheres estão representadas ali? Segundo Cunha (2012):

Sempre que pensamos em questões relacionadas aos museus enquanto palcos de representação e discursos, temos que considerar a questão em sua perspectiva política e ideológica. Ou seja, lembrar que tais representações resultam de processos relacionados com a composição de interesses e forças que se articulam nos projetos e ações de representação e confirmação / conformação de lugares e papéis sociais. (CUNHA 2012, p. 27)

Desta maneira, podemos perceber que não se trata somente de trazer a discussão para os lugares de memória. É necessário aos museus problematizar, tornar-se um espaço de fato inclusivo e acolhedor de todas as mulheres, independente de suas condições sociais, econômicas, raciais e culturais. Partindo do pressuposto que a desigualdade privilegia uns em

detrimento de outros, sendo necessário proporcionar às mulheres o direito ao empoderamento⁸ e ao pertencimento ao seu também lugar de memória.

Partindo deste princípio, escolhemos a sala Vale do Jequitinhonha do Museu Memorial Minas Gerais Vale. Trata-se de resgatar e trazer para os museus a história e a memória de uma região do estado de Minas Gerais, pouco vista e assistida pelas pessoas e políticas públicas. A exposição é composta por trabalhos feitos de barro por artesãos, principalmente mulheres, que buscam por meio dos artesanatos retratar seus hábitos e costumes.

Em sua origem, os museus tinham apenas a função de guardar o patrimônio. Segundo alguns estudiosos de museologia, antigamente, ao visitar estes espaços, em sua maioria de difícil acesso, os sujeitos não tinham interação com o que estava sendo exposto pelo fato de não poder tocar nas peças, e muitas vezes, pouco se entendia o porquê daquela exposição, bem como qual era seu valor.

Atualmente, os museus têm sido tratados como um importante campo de ações educativas e espaços que proporcionam a formação da cidadania. Os mesmos tornam-se, então, uma importante ferramenta para preservar, mobilizar e fomentar nos sujeitos a conscientização pela sua história e o sentimento de pertencimento.

A nova noção de educação que se associa aos museus é mais participativa e descentralizada, ou seja, o guia não é a única ferramenta do visitante para entender o que está exposto. O museu busca propor diversos recursos que realizem a ponte entre a exposição e o visitante. Para tal, diante do mundo globalizado, o uso da tecnologia tem sido uma importante ferramenta para atrair os visitantes e fazê-los compreender, fruir, conhecer e estabelecer um diálogo com a exposição.

Por ser tratar de um recurso extremamente rico, os museus, com o passar dos anos, vêm sofrendo algumas mudanças ao buscar atingir e instigar aqueles que o visitam. Partindo do pressuposto de MENEZES (2004) que os museus, (...) “quando não problematizam a história, quando não permitem a interpretação instigadora do visitante, funcionam simplesmente como

⁸Empoderamento: Significa uma ação coletiva, desenvolvida pelos indivíduos quando participam de espaços privilegiados de decisões, de consciência social dos direitos sociais. Esta consciência ultrapassa a tomada de iniciativa individual de conhecimento e superação de uma realidade em que se encontra. O empoderamento possibilita a aquisição da emancipação individual e também da consciência coletiva necessária para a superação da dependência social e dominação política. O empoderamento devolve poder e dignidade a quem desejar o estado de cidadania e principalmente a liberdade de decidir e controlar seu próprio destino com responsabilidade e respeito ao outro.

prateleiras de antiguidades”. É preciso saber construir um gestual museológico problematizador nas exposições, Azevedo (2009).

O presente gestual museológico problematizador tem sido o grande desafio para aqueles que estão à frente dos museus. Trazer tais questões para um lugar de guarda da memória em um mundo globalizado, onde as identidades, segundo Corgozinho (2008), se encontram múltiplas e diante de tal situação, os grupos sociais não se percebem como, muitas vezes, integrantes deste patrimônio. Tem sido, então, desafiador quebrar os velhos paradigmas que por tanto tempo estiveram presentes em nossa história.

Entendemos que não se trata somente de mudar a estrutura física dos museus, mas sim desconstruir um conceito de instituição museológica que está presente em nossa sociedade por muitos anos. Trata-se de desconstruir mentalidades, estabelecer novos contratos e contatos com os visitantes, que por muito tempo estiveram fora deste lugar. Percebe-se tal fato na fala de Lourenço (2014):

Neste âmbito e considerando o acima exposto, a reflexão sobre as formas de representação e os públicos de um museu, leva-nos a considerar a renovação das filosofias e das práticas museológicas que têm conduzido os museus a assumirem um papel social, cada vez mais central, nas suas abordagens. Do mesmo modo, estamos perante um reconhecimento crescente da centralidade da cultura em relação às questões de identidade, ponderando-se o significado da representação e o poder dos símbolos e objetos enquanto veículos de significados, com o potencial de materializar identidade e o poder de invocar alinhamentos culturais e sociais (Hooper-Greenhill, 2007). A este nível, também importa refletir sobre a interpretação no sentido de que se trata de uma prática radicada nas relações sociais e que os processos interpretativos, constituindo-se como parte do imaginário cultural, não podem ser percebidos ou percebidos como neutrais. (Site: <http://midas.revues.org/664> acessado em: 17/01/2016)

Desta maneira, faz-se necessário considerar que o fato das novas mudanças em relação aos museus seja de extrema importância para a sociedade em que vivemos. Ainda temos que refletir que, apesar das mudanças propostas, nenhuma ação museológica é pautada na neutralidade. Sendo assim, as exposições, bem como todo o recurso usado, têm uma intencionalidade, uma vez que se trata de atividade realizada por ser humano, que não está isento de sua bagagem e opiniões.

CAPÍTULO 3 - MEMÓRIA E GÊNERO: O LUGAR DA MULHER NA HISTÓRIA

Como metodologia para a presente investigação, realizamos uma pesquisa bibliográfica e documental a partir de uma abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, foi realizada observação direta do espaço físico do Museu, assim como o caderno de campo sendo utilizado de acordo com a necessidade enriquecendo a coleta de dados, a utilização do caderno de bordo e uma máquina fotográfica.

A pesquisa bibliográfica está relacionada ao estudo de materiais referentes ao tema, segundo Oliveira (2012):

A pesquisa bibliográfica é uma modalidade de estudo e análise de documentos científicos tais como livros, enciclopédias, periódicos, ensaios críticos, dicionários e artigos científicos. Pode-se afirmar que grande parte de estudos exploratórios fazem parte desse tipo de pesquisa e apresentam como principal vantagem um estudo direto em fontes científicas, sem precisar recorrer diretamente aos fatos/fenômenos da realidade empírica. A pesquisa bibliográfica é imprescindível para realização de estudos históricos (OLIVEIRA *apud* SANTOS, 2012 p.69)

A pesquisa documental pode ser entendida pela procura de informações que não receberam olhar atencioso de estudiosos, segundo Oliveira (2012)?

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o assunto, atentando para as *fontes secundárias*, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as *fontes primárias* (OLIVEIRA *apud* Gonçalves, 2012 p.69)

A abordagem qualitativa pode ser entendida e tem como característica, ainda segundo Oliveira (2012), uma tentativa de explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento.

3.1 - Lócus da pesquisa: Museu Memorial Minas Gerais Vale

O Museu Memorial Minas Gerais Vale está localizado num espaço privilegiado da capital mineira, a Praça da Liberdade. No antigo Alto da Boa Vista, a Praça da Liberdade é conhecida por reunir ao seu redor um riquíssimo conjunto arquitetônico e é um dos maiores

símbolos de ideal político e social da cidade. Situada em Belo Horizonte, cidade construída ao final do século XIX, sob o ideal republicano positivista para substituir a antiga capital mineira, Ouro Preto.

A Praça da Liberdade foi construída como local central de poder das manifestações cívicas da nova capital, sendo planejado para ela, a princípio, somente o Palácio do Governo. Os prédios de secretarias de Estado surgiram logo após. Atualmente, os prédios são tombados pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA/MG). Esta medida foi tomada para impedir o modernismo nestes.

A praça está localizada entre três grandes avenidas de Belo Horizonte, Bias Fortes, Brasil e João Pinheiro. Tal situação evidencia e demonstra o domínio do poder civil na nova capital naquela região.

O Museu Memorial Minas Gerais Vale foi inaugurado em 2010, no antigo prédio sede da Secretaria do Estado da Fazenda de Minas Gerais. O prédio foi fundado em 1897 e é o local onde foi lançada a pedra fundamental da cidade de Belo Horizonte.

O Museu Memorial Minas Gerais Vale, assim como os outros ao redor da praça, está inserido no Circuito Cultural da Praça da Liberdade, criado em 2005 por iniciativa do Governo do Estado e da Secretaria de Estado de Cultura, numa perspectiva de incluir a cidade na rota de turismo. O projeto tinha o objetivo de ocupação dos prédios logo após fossem desocupados com a ida das Secretarias para a Cidade Administrativa. Sendo que a ocupação dos prédios seria realizada em parceria com a iniciativa privada. A parceria entre o público e o privado gera discussões ainda hoje, também não é consensual a ideia de o espaço ser um museu, mas sim como memorial. Segundo Vieira (2006), os Memoriais são monumentos à memória onde a cultura material seria, portanto, meio e não fim. Para fins de pesquisa, o espaço foi tratado como museu e não como memorial. Pelo conceito de memorial estar sendo discutido pelos estudiosos nas últimas décadas, ainda não temos definições claras que diferencie memorial de museu. O presente museu é caracterizado como:

MUSEU DE EXPERIÊNCIA, o Memorial Minas Gerais Vale traz a alma e as tradições mineiras contadas de forma original e interativa. Cenários reais e virtuais se misturam para criar experiências e sensações que levam os visitantes do século XVIII ao século XXI. Longe de dar visibilidade apenas a um recorte histórico, o Memorial coloca em contato direto presente e passado promovendo, com esse gesto, eoutras formas de aproximação do público com as questões que atravessam nosso tempo. (www.memorialvale.com.br acessado em 16/01/2016)

Atualmente, o museu busca por meio de suas exposições contar parte da história de Minas Gerais. Para tal, vem ampliando seu diálogo com os artistas e buscando maneiras de envolver o público nas atividades do memorial. Oferece gratuitamente atividades culturais de qualidade e tem em sua programação produções culturais mineiras. Desta maneira, o espaço tem a finalidade de fortalecer e preservar a história de Minas Gerais.

É composto por 31 salas, cafeteria, banheiros acessíveis, auditório e espaço para projetos educativos de pesquisa e lazer. Na recepção, recebemos as primeiras orientações sobre o funcionamento do museu, um fone de ouvido, pois em alguns espaços pode-se utilizá-los para interagir com a exposição. Neste espaço também deixamos os pertences guardados em armários individuais numerados, fechados com chaves que ficará em posse do visitante.

Este museu permite ao visitante que fotografe as exposições (sem flash) e a entrada é gratuita. O funcionamento ocorre de terça-feira a domingo de 10 às 18 horas. Às quintas o funcionamento é até 22 horas, pois após as 18 horas, o museu desenvolve outras atividades culturais, como os saraus.

Cada andar possui um monitor fixo, responsável por orientar e tirar dúvidas dos visitantes, além dos que ficam na recepção, no café e sala de leitura. Possuem ainda monitores à disposição para recebimento de grupos.

No primeiro andar temos as salas de Guimarães Rosa, Escritores Mineiros, Sebastião Salgado, livraria Lygia Clark, Café do Memorial, Midioteca, Espaço Ler e Ver, Jardim de Inverno, Carlos Drummond de Andrade, bebedouros e banheiros acessíveis.

No segundo andar, encontramos Histórias de Belo Horizonte, Vilas Mineiras, A Fazenda Mineira, Casa da Ópera, Caminhos e Descaminhos, Barroco Sagrado e Profano, O Povo Mineiro, Minas Rupestre, Panteão da Política Mineira e A Família Mineira.

Já no terceiro andar temos Salas de Exposições Temporárias, Auditório, Vale do Jequitinhonha, Celebrações, Modernismo Mineiro e a Sala Vale.

Apesar de não ser o foco da presente pesquisa, percebemos que o museu tem o olhar atento para dar acesso aos portadores de necessidades especiais, idosos, gestantes, entre outros, enfim, todos aqueles que não podem se locomover pelas escadas. Encontramos uma entrada pela Rua Gonçalves Dias que dá acesso direto ao elevador, sem a necessidade de usar as escadas iniciais do prédio. Temos elevador interno e cadeira de roda reservada para estes visitantes. As portas para entrar nas salas são amplas, fato que facilita a locomoção no interior do museu.

O Museu Memorial Minas Gerais Vale é um prédio amarelo e imponente, que ocupa uma das esquinas da Praça da Liberdade. Possui uma escadaria e um tapete vermelho que por si só agregam grande valor ao local e remete à época de sua construção. Situado em lugar público e com fluxo intenso de pessoas se locomovendo por meio de transporte particular ou público, caminhando e utilizando bicicletas, situação que torna a Praça e seus arredores uma região movimentada, pois se encontra em local que dá acesso a um grande centro comercial (Savassi), além de diversos bairros na mesma.

Embora não faça parte do escopo desta pesquisa, foi possível observar que apesar de ser um espaço público e de termos diferentes tipos de pessoas circulando nesta região, a Praça e seus arredores é uma região elitizada de Belo Horizonte o que de certa maneira faz com que estas pessoas fiquem e não somente passem pelo local. É comum encontrarmos grupos de estudantes e jovens nos arredores da praça e até mesmo nas escadarias do museu.

Por se tratar de um prédio público e tombado pelo patrimônio, não ocorreram mudanças em sua arquitetura original e se encontra em boa conservação, não há pichações e para sinalizar o museu existem dois banners na entrada, um com o nome do museu e o outro com a programação cultural do mesmo.

3.2 - Vale do Jequitinhonha e a Sala Vale do Jequitinhonha

Como já dissemos, a sala escolhida para nossa investigação foi a sala intitulada “Vale do Jequitinhonha”. Faz referência direta a uma importante região do estado de Minas Gerais, devido a sua extensão territorial, por ter a presença do Rio Jequitinhonha (uma das bacias hidrográficas mais importantes do país), pela sua riqueza e importância cultural reconhecida não somente no estado, mas em todo o país.

O Vale do Jequitinhonha está situado geograficamente no nordeste do estado e é uma região que ocupa 14,5% da área deste, totalizando aproximadamente 85.000 Km² de extensão territorial. Trata-se de uma região que enfrenta graves problemas sociais, econômicos e históricos. Demonstra-se uma região extremamente rica em sua cultura, porém percebe-se não ser prioridade do poder e das políticas públicas. Segundo Nascimento (2009):

(...) Vale do Jequitinhonha, uma região culturalmente rica, mas que carrega sobre si o estigma da carência social. O Vale do Jequitinhonha é povoado por aproximadamente um milhão de pessoas, distribuídas em mais de 80 municípios, com características distintas. Contudo, a diversidade sociocultural da região tende a ser negligenciada pela difusão de informações que predominantemente salientam suas mazelas. A diversidade regional remonta às origens históricas e evidencia-se nas manifestações culturais. Além de resgatar a identidade local e revelar os traços e fazeres do povo, tais manifestações contribuem para fomentar a economia da região, pela venda de artesanato, principal fonte de renda para muitas famílias, e pelos festivais, que atraem visitantes, gerando postos de empregos diretos e indiretos. (NASCIMENTO, 2009, p.1)

Assim como várias regiões de Minas Gerais, o Vale do Jequitinhonha surgiu juntamente com a extração do ouro e do diamante, que iniciou por volta do século XVII. Assim como em outras localidades, foi necessário o desenvolvimento da agricultura de subsistência para suprir a carência de alimentos na região.

A agricultura de subsistência continuou com a decadência do ouro, onde muitas pessoas abandonaram o Vale do Jequitinhonha, ocorrendo assim um esvaziamento no mesmo.

A presente atividade econômica da região não se desenvolveu por igual em todas as partes. Para Elaine Cordeiro do Nascimento, em seu texto: Vale do Jequitinhonha: Entre a carência social e a riqueza cultural, ao citar VELLOSO & MATTOS, aponta que,

(...) apesar da fundamental importância das riquezas minerais para a estruturação do Vale do Jequitinhonha, “não seria possível compreendê-lo sem levar em consideração a agricultura e a pecuária, inicialmente voltadas para a subsistência, mas posteriormente engajadas num circuito comercial que visava o mercado interno e mesmo o externo ao Vale” (NASCIMENTO, apud, VELLOSO & MATTOS, 2009).

Ainda segundo Nascimento (2009), se existe um caráter regional característico de Minas Gerais, pode-se falar também da existência de um caráter intrarregional, na medida em que o Estado é constituído por várias partes distintas.

Todavia, é importante ressaltar que embora Minas Gerais seja a 3ª economia do Brasil, ficando atrás apenas de Rio de Janeiro e São Paulo, sua renda não é igualmente distribuída em todo seu território. A má distribuição de renda gera em algumas regiões grandes dificuldades para se manter, uma delas é o Vale do Jequitinhonha.

3.3 - Sala Vale do Jequitinhonha - Museu Memorial Minas Gerais Vale

A Sala Vale do Jequitinhonha do Museu Memorial Minas Gerais Vale está localizada no terceiro andar do prédio. É composta pelos trabalhos realizados pelos artesãos daquela região. Segundo Carlos Antônio Leite Brandão,

A 'mão feliz' do artista do Vale transforma-se em vasilhame, panela, flor, boneca, pessoa, casamento, caça, casa, história, estória, memória, desejo, vontade, universo, mundo e homem. Homem que húmus foi. E, se o trabalho dessa mão feliz começa por transformar a terra úmida do Vale revelando-lhe as possibilidades plásticas de todos nós, excessivamente endurecidos. As peças de Ulisses, Isabel, Noemisa, Zefa e Lira chegam aqui como águas do Jequitinhonha: vêm para amolecer o que nós se crispava e para lavar o pó que sobre nós se acumulava. Elas nascem do aprendizado que os artesãos desenvolveram quando criança. (BRANDÃO...)

Os trabalhos demonstram o cotidiano do Vale através de peças muito bem trabalhadas em cerâmicas, riquíssimas em detalhes que demonstram vestimenta, acessórios, traços, sentimentos e olhares. As peças foram doadas ao museu Memorial Minas Gerais Vale e hoje fazem parte de uma exposição permanente. Ocorreu uma parceria entre os ceramistas e Antônio Leite Brandão, Heloísa Starling e Gringo Cardia⁹ para as peças chegarem ao museu.

Na sala juntamente com as esculturas encontramos o nome dos artesãos e ao analisarmos os mesmos percebemos que a maioria é de mulheres. Ao debruçar nosso olhar nas esculturas de cerâmica, encontramos um maior número de esculturas de mulheres em detrimento de esculturas de homens entre os trabalhos que retratam as pessoas em seu cotidiano.

Além de trabalhos retratando o cotidiano, temos muitos trabalhos que demonstram a religiosidade do Vale como as imagens da Nossa Senhora Aparecida, São Francisco de Assis e de um religioso com uma vestimenta bem parecida com a de um padre.

Temos também a valorização dos ofícios com a escultura do pescador, que também nos remete ao Rio São Francisco, uma das grandes riquezas da região, a costureira, a cozinheira, tritura do alimento no pirão, cuidado com os filhos e maridos.

⁹ Os monitores do museu não souberam informar como foi realizada a escolhas dos artistas e das peças que seriam expostas.

Ao entrar na sala seguindo o roteiro proposto pelo museu, o visitante fica de frente com a projeção do vídeo “Vozes e visões”, além de alguns outros vídeos que contam a história e o modo de vida do Vale. Abaixo desta projeção, percebe-se o único lugar em que as peças grandes estão visualmente na parte de baixo, com as esculturas de seis mulheres. Em todo o resto da sala, as esculturas maiores ficam na parte de cima. Em regra, na parte de baixo e na altura dos nossos olhos percebemos as peças menores.

Em relação às esculturas grandes de figuras de mulheres, percebe-se a seguinte ordem: à esquerda, temos uma mulher amamentando e na outra ponta temos uma mulher com as duas mãos no ventre. Entre estas duas mulheres, temos mais quatro, uma amamentando, um busto, uma com vestido longo, cabelo solto e brinco, e a quarta, vestida de noiva. O mais interessante é que as quatro mulheres do centro giram o tempo todo, chamando a atenção dos visitantes, pois são as únicas peças que movimentam na exposição.

À direita de quem está de frente para sala, encontramos pedras com desenhos que remetem à pintura rupestre da pré-história. Deste mesmo lado podemos observar um velório, onde o defunto é carregado na rede e acompanhado pela viúva e um cachorro. O casamento, com os noivos sentados e olhar perdido, como se estivessem pousando para uma foto. A brincadeira de roda, com crianças (meninas) brincando. Uma mulher num fogão à lenha. A maternidade, expressada com uma mulher abraçando uma menina. O pescador com os peixes e a imagem de São Francisco de Assis. Temos também a locomoção de uma família em um jumento e a mulher tirando algo do pé do homem (o que supomos ser bicho de pé ou espinho).

Do lado esquerdo da sala temos um “jardim” de flores embaixo. No plano médio, na altura dos olhos temos a costureira, noivas e esculturas de pessoas sem nenhuma ação específica. Ao observarmos este lado da sala percebemos mais uma vez maior número de mulheres.

Na parte de cima da exposição temos as peças maiores, nas quais também percebermos maior número de mulheres quando são retratadas pessoas. Além destas, encontramos bustos tanto de mulheres quanto de homens, noivas e outras esculturas.

Atrás temos vasos, outras esculturas e janelas onde, ao abri-las, o visitante encontra mais cenas do cotidiano do Vale, como os cangaceiros, uma família e diversas outras situações.

Além das esculturas organizadas por Gringo Cardia, responsável pelo projeto do museu, a sala também conta com pequenos textos produzidos por Heloísa Stalin e Carlos Antônio Leite Brandão.

Através das esculturas podemos analisar os lugares das mulheres no Vale do Jequitinhonha. Não somente nos diversos papéis que desempenham, demonstrado nos trabalhos e pelas diversas vezes que aparecem, como também por serem elas, na grande maioria das vezes, que realizam o trabalho de ceramista trazendo para o museu parte do seu modo de vida, hábitos e costumes.

Ao analisar as peças de mulheres feitas por ceramistas homens percebemos que o modo que retratam é bem parecido com o modo das ceramistas mulheres ao demonstrar o cotidiano da mulher voltado para o casamento, maternidade e serviços de casa. Segundo Roberto da Matta (1997), em seu livro “A casa e a rua de Roberto da Matta”:

Tudo que nos remete a casa é bom, belo, decente e de bem. Em contrapartida tudo que lembra rua é tenebroso, uma verdadeira selva de pedras onde reina a competição, confusão e desordem. Por isso, a casa tem uma importância fundamental como espaço moral importante e diferenciado que exprime uma rede complexa e fascinante de símbolos que são parte da cosmologia brasileira. Deve-se levar em conta que a casa e a rua não são meros espaços geográficos. São modos de ler, explicar e falar do mundo.

Partindo deste pressuposto, a sala Vale do Jequitinhonha nos ajuda a refletir qual o papel da mulher naquela sociedade, bem como expressar a sua importância para o desenvolvimento das mesmas. Se, durante muitos anos de nossa história, a mulher foi tida como coadjuvante, a sala proporciona refletir seu protagonismo, pois nos leva a ver a importância do seu trabalho, bem como sua proatividade em realizá-lo. Tais reflexões são referentes tanto às ceramistas que desempenham este trabalho de extrema riqueza, quanto às próprias peças que as retratam realizando suas atividades tão importantes quanto as desempenhadas pelos homens.

CONCLUSÃO

Debruçar o olhar mais atentamente sob a memória dos sujeitos nos museus, nos tempos atuais, tornou-se situação de extrema importância para se compreender as relações de poder entre homens e mulheres que podem estar se perpetuando nestes espaços. Diante de um

novo conceito de museologia, que busca dar voz e visibilidade àqueles que durante a história estiveram fora de suas exposições como crianças, negros, mulheres, jovens, e outros sujeitos, buscamos com a presente pesquisa analisar o Museu Memorial Minas Gerais Vale, que está dentro desta nova abordagem de museu, para interrogar qual o modo que as mulheres estão representadas nestes espaços de guarda de memória.

Pelo fato do Museu Memorial Minas Gerais Vale ser um campo de pesquisa grande, escolhemos a sala Vale do Jequitinhonha, pois a mesma nos apresenta a belíssima riqueza da região que são os trabalhos em cerâmica e nos proporciona mergulhar em seu cotidiano, situação muito propícia, pois gênero se discute no cotidiano e por se tratar de sujeitos do tempo presente se torna uma ótima ferramenta-diagnóstico sobre o tema. A presente sala não tem o objetivo de discutir sobre gênero, porém muito auxiliou a compreender as representações da mulher em seu tempo e sociedade.

Neste sentido, a pesquisa buscou problematizar os espaços de memória enquanto espaços da heteronormatividade, mas também demonstrar as possibilidades de mudanças que estes espaços possuem, além de apontar como uma sala como a do Vale do Jequitinhonha é capaz de nos ajudar a refletir sobre as questões de gênero.

A sala Vale do Jequitinhonha nos apresenta um universo rico e belo para entender a questão do gênero no museu. Como citado anteriormente, este não é o objetivo principal da sala, mas conseguimos perceber a discussão que é feita em sua exposição.

As mulheres estão presentes em cada detalhe, como as ceramistas, que são as donas da maioria das peças. As peças retratam mulheres fortes que estão presentes em seu cotidiano, se representando nos artesanatos, se empoderando de sua importância ao demonstrar sentimento de pertencimento por aquela cultura e tradição. Esta demonstração também nos leva à reflexão sobre os diversos papéis que a mulher no Vale ocupa e desempenha, pois aparecem em diferentes situações nos artesanatos.

O interessante nos achados é que temos nesta sala ceramistas homens e estes também retratam as mulheres e de uma maneira parecida com que elas se retratam, daí percebemos que elas realmente ocupam um lugar de destaque no Vale, ou seja, são vistas e percebidas, ocupam seus lugares e têm parte de sua história contada nos trabalhos de cerâmica, realizadas por elas e pelos homens.

Outro detalhe que nos chamou a atenção foi que houve uma parceria entre museu e ceramistas para escolher as peças que iriam ser expostas e a maioria das peças selecionadas retratam justamente o cotidiano da mulher. Neste momento de escolha, ao que demonstra, não houve o que chamaríamos de heteronormatividade, como por muitos anos ocorreu nos lugares de guarda de memória, onde somente a memória de homens brancos era importante de ser preservada e lembrada.

Desta maneira, podemos perceber que a sala rompeu com os paradigmas ao trazer a história da mulher do Vale do Jequitinhonha para dentro do museu e, mais que isso, apresentou seu cotidiano bem como o que elas demonstram, uma vez que as mulheres participaram da escolha das peças expostas, ou seja, elas estiveram presentes em todo o processo: confecção, seleção e organização da exposição.

Assim, conseguimos chegar ao novo conceito da museologia que é incluir as pessoas que estiveram fora de seus espaços para dentro do processo de evidenciar suas histórias e memórias, mas, para que isto aconteça com efetividade, se faz necessário que estas pessoas participem do processo e se envolvam, para que sua memória "verdadeira" seja ali representada.

Partindo deste pressuposto podemos concluir que os museus como espaços de guarda da memória são reservados a todos (as) sem distinção ou privilégio uma vez que todo povo tem memória e todos os sujeitos a constroem. Sendo assim, todos possuem seus espaços reservados nos museus.

Diante do que foi visto, sugere-se uma melhor preparação dos monitores para responder dúvidas com relação às salas pesquisadas, não só sobre o que realmente está exposto, mas, também, sobre quais os motivos que levaram a estas escolhas e o que se pretendeu alcançar através destas. Por possuir toda esta riqueza para discutir gênero, acredito que tal sala pode ser explorada como tal em suas visitas com os monitores. Ou até mesmo pelo próprio visitante, quando optar por fazer o percurso sozinho.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Rodrigo Pletikoszits. *Trabalho, Memória e Preservação Patrimonial na Vila Marzagão (Sabará MG)*. (Tese de mestrado defendida na PUC-MG em 2008)

- AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de (org). *Cidadania, memória e patrimônio: as dimensões do museu no cenário atual*. Belo Horizonte: Crisálida 2009.
- BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Patrimônio Cultural Conceitos, Políticas, Instrumentos*. Local: Editora, 2009.
- CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Patrimônio*. 3^a ed. São Paulo: UNESP, 2001.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (org). *O direito a memória patrimônio histórico e cidadania*. São Paulo, 1992
- DAMATTA, Roberto. *A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- FARIA NathalieDanif Moreira. *Curso de Educação Patrimonial Profissionalizante: instrumento de inserção social para jovens de 14 a 18 anos moradores da cidade de Sabará*. Brasília: UnB, 2008 (Tese de mestrado, defendida na Universidade de Brasília).
- FAZENDA, Ivani (org). *Metodologia da pesquisa educacional*. 9 ed – São Paulo, Cortez, 2004 (Biblioteca da Educação, série I, Escola; V.11).
- FONTES, Martins. *Jacques Le Goff a história nova*. São Paulo, editora Ltda, 3^a edição, 1995.
- FROEHLICH, José Marcos. *Novas Identidades, Novos Territórios: aproveitando os recursos culturais para o desenvolvimento territorial*. São Paulo: Unijui, 2012.
- FUNARI, Pedro Paulo. *Turismo e Patrimônio Cultural*. 3^a edição, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*.
História e memória / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão ... [et al.] Campinas: editora da UNICAMP, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: editora Unicamp, 1996.
- MENESES, José Newton Coelho. *História & Turismo Cultural*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. 2004.
- NORA, P. O lugar da memória. *Entre Memória e História. A problemática dos lugares*. Projeto História, São Paulo, n. 10, dez 1993. P.7-28. (Trad. De Yara Aun Khoury de texto integrante do livro. Nora, P. Les Lieux de Mémoire. Paris:Gallimar, 1984. P XVII- XLII).
- OLIVEIRA, Maria Marly de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. 4 ed – Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
- PASAVENTO, Sandra Jatahi. *História & História Cultural*.

POR DENTRO DA HISTÓRIA; REVISTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. *A Educação Patrimonial como Instrumento de Preservação*. Prefeitura Contagem, Ano 1, nº 2 agosto de 2009.

POR DENTRO DA HISTÓRIA; REVISTA DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL. *Educação e o Patrimônio Cultural por uma nova Atitude*. Prefeitura de Contagem. Ano 1, nº 1 janeiro de 2009.

PÔRTO JR., Gilson. (org.). *História do tempo presente*. Bauru (SP): Edusc, 2007.

PROJETO LIÇÕES DE MINAS VOLXXIII. Reflexões e contribuições para a educação patrimonial. Secretaria de estado de educação. Dez 2002.

SILVA, Zélia Lopes (org.). *Arquivos, patrimônio e memória trajetórias e perspectivas*. São Paulo, editora UNESP. 1999.

O que é memorial? Disponível em: <http://www.memorial.mppr.mp.br/arquivos/File/Memorial.pdf>. Acesso em dez. 2015.

O conceito de gênero por Judith Butler: a questão da performatividade. Disponível em: <https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2012/05/01/o-conceito-de-genero-por-judith-butler-a-questao-da-performatividade/>. Acesso em: fev. 2016.

Reflexões sobre diversidade de representações, de públicos e de estratégias interpretativas. Disponível em: <http://midas.revues.org/664>. Acesso em: fev. 2016.

Apresentação do Museu Memorial da Vale. Disponível em: <http://www.memorialvale.com.br/sobre-memorial/apresentacao-sobre-memorial/>. Acesso em: fev. 2016.

Uma viagem cultural inesquecível e sensorial, desde o século XVIII até os dias de hoje. Disponível em: <http://www.fundacaovale.org/pt-br/cultura/memorial-minas-gerais/Paginas/default.aspx>. Acesso em: fev. 2016.

ANEXOS

ANEXO: A – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 1: Anexo

ANEXO: B – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 2: Anexo

ANEXO: C – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 3: Anexo

ANEXO: D – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 4: Anexo

ANEXO: E – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 5: Anexo

ANEXO: F – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 6: Anexo

ANEXO: G – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 7: Anexo

ANEXO: H – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 8: Anexo

ANEXO: I – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 9: Anexo

ANEXO: J– Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 10: Anexo

ANEXO: K- Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 11: Anexo

ANEXO: L- Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 12: Anexo

ANEXO: M – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 13: Anexo

ANEXO: N– Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 14: Anexo

ANEXO: O – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 15: Anexo

ANEXO: P – Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 16: Anexo

ANEXO: Q– Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 17: Anexo

ANEXO: Q– Foto retirada pela própria autora 07/01/2016



Figura 18: Anexo